

## UM ESTUDO SOBRE A PSICODINÂMICA DO USUÁRIO DE *ECSTASY*.

*Luís Sérgio Sardinha,*  
*Ana Luiza Garcia*

Universidade Presbiteriana Mackenzie

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo inicial sobre aspectos da psicodinâmica do usuário de *Ecstasy*, procurando entender qual o significado desta droga na vida do indivíduo inserido num contexto histórico de pós-modernidade. Partiu-se de estudos já realizados sobre usuários de outras drogas e breve histórico sobre o *Ecstasy*, depois realizou-se entrevistas semi-dirigidas que foram analisadas posteriormente. A dificuldade na coleta de dados demonstra que os usuários dificilmente falam abertamente sobre o assunto quando não estão em tratamento. A partir da análise das entrevistas realizadas pode-se notar que a droga ainda é consumida ocasionalmente. Notou-se também que o homem alienado dos grandes centros urbanos busca outras formas de integração, possibilitando um afastamento da realidade e um refúgio num mundo próprio.

**Palavras-chaves:** Uso de Drogas, Abuso de Drogas, *Ecstasy*, Psicodinâmica.

### A STUDY ON PSYCHODINAMIC OF THE USER OF ECSTASY.

**ABSTRACT:** The present paper has as objective to do an initial study on aspects of the user's of *Ecstasy* psychodynamic, trying to understand which the meaning of this drug in the individual's life inserted in a historical context of powder-modernity. He/she/you broke of studies already accomplished on users of other drugs and historical abbreviation on *Ecstasy*, later he/she took place interviews semi-driven that were analyzed later. The difficulty in the collection of data demonstrates that the users difficulty talk openly about the subject when they are not in treatment. Starting from the analysis of the accomplished interviews it can be noticed that the drug is still consumed occasionally. It was also noticed that the alienated man of the great center urban search other integration forms, making possible a removal of the reality and a refuge in an own world.

**Keywords:** Use of Drugs, Abuse of Drugs, *Ecstasy*, Psychodynamic.

O homem pós-moderno cada vez mais utiliza-se de drogas que aplaquem o seu mal-estar, ele vive em grandes centros urbanos e tem passado por várias dificuldades. Preocupado com a sobrevivência num mercado de trabalho no qual a competição é

acirrada, está cada vez mais envolvido exclusivamente com as necessidades imediatas do cotidiano, deixando de lado um elemento central do ser humano, passando a ignorar sua essência e suas necessidades básicas: sexo, afeto, contato e comunicação.

O homem, afastado da natureza e submetido a uma conduta antibiológica, é um estranho no seu próprio ambiente. Como se não bastasse, é um estranho para si próprio. A civilização ocidental, caracterizada pela volatilidade de modelos e valores, dificulta a constituição, o desenvolvimento e a consolidação da identidade pessoal, que necessita de uma constância de objetos e valores para tornar-se consistente. O resultado é um ego fragilizado, que não consegue harmonizar as necessidades do id, as reclamações do superego e a realidade externa. A quantidade de modificações e a falta de tempo para digerir o choque das transformações e toda a instabilidade e o sentimento de carência decorrentes, “provocam uma atrofia de ordem psicológica e moral cujas conseqüências, no homem de nossa época são gravíssimas e exigem compensações que geralmente são procuradas e encontradas numa série ampla de possibilidades que oferecem as condutas maníacas.” (Kalina et al., 1999 : 102).

Os autores também salientam que com os valores afetivos colocados de lado, assim como a estima, essencial à vida, são conseguidos através de substâncias estimulantes. Num mundo desumanizado que gera milhões de personalidades fronteiriças e tantas pessoas mal estruturadas e com carências, surge a droga como uma grande solução ilusória.

Segundo Kalina et al. (1999) o homem é um escravo da tecnologia, utilizando-a para sua própria evolução, integrando-o a um sistema que apenas exige, mas não gratifica. A procura pela eficiência reduziu-se em finalidade em si, dominando o homem e prejudicando sua qualidade de vida.

Para Freud (1930) as pessoas buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor.

Para Cesarman em Kalina et al. (1999), todos os estudos e observações feitas evidenciam que o homem está mal e não consegue encontrar-se consigo próprio no meio no qual vive. Para eles, a cidade e seus habitantes são como duas entidades diferentes, que se encontraram por acaso no decurso da história.

É sob este enfoque que compreendemos o uso de uma droga, conhecida como *Ecstasy*. Tecnicamente conhecida como MDMA (3,4 metilendioximetanfetamina) esta substância, aparentemente pouco consumida no Brasil, tem sido amplamente utilizada nos Estados Unidos e na Europa.

Coragem, auto-estima reforçada, sentimento de poder, ligação com uma força espiritual, sensibilidade e empatia são algumas das emoções relatadas pelos consumidores desta droga. Essas características fizeram com que ela fosse utilizada na década de 1970 por terapeutas para facilitar a liberação de conteúdos internos num ambiente controlado.

Todas as sensações provocadas pela droga, somadas ao som de músicas *techno* e *trance*, com batidas fortes e ritmadas e ainda o local onde se dão as festas *raves*, geralmente afastados dos grandes centros e em meio à natureza, propiciam uma verdadeira orgia para os sentidos, tão pouco desenvolvidos no homem urbano.

O comum é o consumo de um comprimido numa noite, muitas vezes dividido em duas doses para prolongar o efeito. Cerca de 20 a 60 minutos após a ingestão da droga surgem os primeiros efeitos do *Ecstasy*: aumento da frequência cardíaca e da pressão arterial, boca seca, náusea, sudorese, diminuição do apetite, atenção dispersa, elevação do humor e contratura da mandíbula. O auge dos sintomas acontece depois de 6 horas e permanece durante cerca de 12 horas. O efeito mais pronunciado é sentir-

se bem dançando. Há, segundo os usuários, um aumento da espiritualidade, da sensibilidade e um sentimento de maior proximidade com a natureza. Há ainda o que descrevem como uma preocupação maior com os outros (inicialmente a droga era chamada de *Empathy*, nome mais apropriado, mas menos comercial).

Outros sintomas, não buscados pelos consumidores da droga, mas freqüentemente observados, são ataques de pânico, insônia, alterações no apetite, na concentração e na memória, algumas vezes por longos períodos. A lista extensa, diversificada e pouco específica desses sintomas tem levantado questões sobre as possíveis causas dessas ocorrências e possíveis métodos de tratamento.

A questão chave é se os sintomas são devidos a alterações cerebrais, hipótese sugerida por aqueles que conduzem experiências com animais, ou se são devidos aos efeitos psicológicos da droga.

Para respondermos a esta questão, precisamos partir de um questionamento muito anterior, que está na base deste problema: por que um indivíduo faz uso de drogas? Olievenstein et al. (1989) já propuseram esta questão e acrescentaram que o objeto droga sempre existiu, em todos os tempos e lugares, assim como as dificuldades individuais e socioculturais. O que diferencia a pessoa que opta pelo consumo de tóxicos daquela que passa à margem deles? E ainda, qual é a diferença dos usuários do *Ecstasy* em relação aos usuários de outras drogas?

Segundo Saunders (1999), 6% dos estudantes ingleses já experimentaram o *Ecstasy*, sendo que entre os universitários este número sobe para 13%. Assim, percebemos que precisamos analisar melhor o que esses jovens buscam e ainda a explicação para os efeitos que encontram, não só por uma curiosidade antropológica, mas principalmente para compreendê-los e ajudá-los. Além disso, esse trabalho visa

despertar o interesse sobre esta substância para que outros aspectos - químicos, individuais e sociais sejam também explorados.

Para iniciarmos esta reflexão, nos deteremos em teorias existentes sobre drogadependência para procurarmos entender qual é o significado da droga na vida do usuário para em seguida pesquisarmos qual é o papel do *Ecstasy* para aqueles que o consomem. Num segundo momento, tentaremos traçar um paralelo entre os sintomas pelo uso da droga e o estado emocional do usuário no momento do consumo. Procuraremos relacionar os efeitos prazerosos acima descritos ou os efeitos indesejáveis (pânico, insônia, *flashbacks* e alterações cognitivas) ao estado emocional do usuário no momento em que consumiu o *Ecstasy*. Nesta pesquisa, ainda teremos a possibilidade de verificar a validade das teorias sobre drogadependência quando em relação ao *Ecstasy*.

Uso (ou abuso) de substâncias psicoativas é a maneira mais atual de descrever um quadro delicado, multifacetado e multideterminado que é também chamado de drogadicção, toxicomania e drogadependência, entre outros. Multifacetado e multideterminado porque dificilmente poderíamos generalizar os usuários de diferentes substâncias, ou mesmo aqueles de uma mesma substância, já que a motivação e a frequência do uso podem diferir tanto na qualidade quanto na quantidade.

Dentro deste panorama multifacetado, Freud (1930) percebe algumas maneiras pelas quais o homem procura diminuir o desprazer e experienciar intensos sentimentos de prazer, na intenção de conquistar a felicidade. Esta é, para ele, o propósito e a intenção da vida de todos os homens. Entre essas formas estariam derivativos poderosos, as satisfações substitutivas, tal como a arte e também as substâncias tóxicas, que influenciam o corpo e alteram sua química. A intoxicação seria o modo mais grosseiro, embora eficaz, de evitar o sofrimento. Seria responsável, em certas

circunstâncias, por um grande desperdício de energia que poderia ser empregada para o aperfeiçoamento do destino humano.

O mundo externo e seus objetos podem causar frustrações e é então substituído por vivências alucinatórias gratificantes. Sob o efeito da droga, toda fragilidade é substituída por um sentimento de extraordinária força, há uma ilusão de ter-se superado a fragilidade do ego; liberta-se, ao menos transitoriamente, da opressão e do vazio tão presentes no cotidiano.

Para Rosenfeld em Gurfinkel (1995), o uso de drogas está relacionado com frustrações nos primeiros vínculos com a mãe. Se a mãe não consegue prover ao bebê tudo aquilo de que ele necessita, o bebê vai buscar internamente seios substitutos. Os distúrbios desta relação precoce conduzem a uma impossibilidade de viver a diferença e a exterioridade do objeto em relação ao eu, vivência sempre traumática ao longo da vida.

Para Bleger em Gurfinkel (1995), o drogadependente procura, em cada uma das suas viagens, restabelecer o estado de indiferenciação primitiva do ego, numa relação em que o eu e o objeto se misturam e o prazer advém do próprio corpo, quase como uma atividade auto-erótica.

Desta forma a compulsão à repetição do uso de drogas é uma forma de tentar mais uma vez lidar com a frustração da falta da mãe como objeto narcísico. A mãe não pode ser controlada, mas as alucinações sim, assim como na vida adulta os desejos e objetos não podem ser dominados, mas *parecem ser* sob o uso de drogas.

Funcionando temporariamente num processo mental primário, regido pelo princípio do prazer e pelas relações narcísicas, o que interessa neste momento é defender o prazer da realidade externa.

Essas relações do sujeito com a droga podem ser consideradas narcísicas pois o objeto-droga é um falso objeto, um objeto que não tem a característica de independência e exterioridade em relação ao sujeito. A droga não tem um lugar definido, estando algumas vezes dentro e outras fora do corpo, o que dá ao sujeito uma vivência de onipotência dos desejos e fenômenos alucinatórios.

Segundo Freud (1911), num processo normal do desenvolvimento, em certo momento as alucinações não dariam mais conta de satisfazer os desejos. O aparelho psíquico passaria a representar circunstâncias do mundo real para poder modificá-las e encontrar a satisfação. Os órgãos sensoriais, a atenção e a memória desenvolveriam-se. No lugar do recalque, surgiria o juízo. A ação motora, em princípio apenas descarga de excitações, modificaria-se em adequação à realidade, podendo ser adiada. O pensamento e as representações assumiriam o lugar das alucinações.

Essa passagem do prazer à realidade, entretanto, nunca é absoluta. Na verdade, não significa trocar um pelo outro, mas sim modificar a primeira sem abandonar sua tendência. Não abre-se mão do prazer, apenas aprimora-se a forma de obtê-lo. O aparelho psíquico tem uma tendência à aderência persistente às fontes de prazer e encontra dificuldade em livrar-se delas. Uma parte da atividade mental permanece dissociada e livre do princípio da realidade (Gurfinkel, 1995).

As aquisições próprias ao princípio da realidade são justamente as funções deficientes no usuário de drogas. Idealizar o objeto e identificar-se com ele, como muitas vezes faz o usuário de drogas, é uma maneira de operar um controle onipotente que inclui o objeto, o eu e a relação, excluindo qualquer possível fonte de desprazer. O efeito da droga, a criação de uma outra realidade, apenas confirma o poder deste objeto.

O que não foi mencionado até este momento é um ponto de fundamental importância: entre dois extremos existem várias posições intermediárias. Entre um psicótico e um neurótico existem diversas combinações. Da mesma maneira, e talvez por conta disso, existem pessoas que utilizam drogas compulsivamente como único meio de refugiar-se da realidade num mundo onírico (Raskovski em Gurfinkel, 1995), enquanto outras procuram apenas uma pausa para o que este autor chamou de excesso de realidade mantido por um superego severo e repressivo.

Algumas pessoas sentem a necessidade de uma superação mágica e instantânea daquilo que as aprisiona. Procuram através de uma química a sensação de liberdade. Outras pessoas suportam melhor a angústia da espera e da frustração e pensam e agem no sentido de conquistar no mundo externo mudanças reais que possibilitem a diminuição real de seus conflitos.

Compreendendo que a psicodinâmica de cada indivíduo é única, entendemos que o papel que a droga assume varia entre os mesmos e, numa mesma pessoa, pode variar de um dia para o outro. O homem não é um circuito fechado, está exposto a estímulos externos e internos que põem em movimento antigas defesas.

A raiz dos conflitos, segundo Kalina et al. (1999), se desenvolve na primeira infância, quando intensas frustrações e vivência de abandonos se combinaram para o desenvolvimento de uma personalidade frágil, sem recursos adequados para lidar com a realidade. Incapaz de suportar as negações, esta criança acaba se tornando impulsiva, abandonando constantemente suas decisões e necessitando de compensações acessórias, como as drogas.

Além destas questões acerca do indivíduo tem-se a experiência de profissionais que afirmam que dependentes surgem em determinados grupos familiares, o que pode



indicar que determinadas circunstâncias são facilitadoras e indutoras do consumo de drogas (Kalina et al., 1999).

Para este autor percebe-se na família dos consumidores de drogas, por exemplo, uma mentira ou engano entre dois de seus componentes. Um mal-entendido se estabelece entre a dialética dos papéis assumidos e os esperados ou ilusoriamente pretendidos. O pai, ilusoriamente o sol da casa, o doador, pode não assumir este papel e aparecer como uma figura fraca. A decepção da não realização destas expectativas pode desencadear um divórcio ou o colamento do casal, num pacto perverso. Neste processo, os filhos podem ser usados na dinâmica vincular.

O não na família e para os dependentes é vivido como morte. A espera não é suportada e é vista como catastrófica. Existe, para estas famílias, a compreensão da palavra NÃO, mas a experiência da negação, a aceitação de limites não está registrada.

O filho drogado assume na família o lugar de sol, abandonado pelo pai. O drogadependente se ilude a cada vez que incorpora a droga. Pensa ter encontrado a fórmula instantânea para a realização ilusória do desejo de ser grandioso, que é também o desejo da mãe.

A mãe assim assume o papel de um superego sádico, e o adicto como um ego ideal maníaco, que não pode deprimir-se para satisfazer o ideal de ego materno. Isto caracteriza um círculo vicioso, um pacto perverso que pode levar ao pacto criminoso e ao uso de drogas. As famílias que geram drogadependentes são famílias psicotóxicas, ou seja, recorrem ao tóxico, legalizado ou não, com maior frequência que outras. Assim, estando presente um modelo de tóxicos, um borderline será facilmente um drogadependente. A partir deste panorama que entende-se ser significativo discorrer sobre a droga evidenciada neste estudo, o *Ecstasy*.

O MDMA (3,4-metilendioximetanfetamina) foi patenteado em 1913 pela companhia alemã Merck como um moderador de apetite. Segundo Saunders (1999), em 1953 esta droga reapareceu nos Estados Unidos, quando o exército americano testou inúmeras drogas para fins militares. Era conhecida como a droga da verdade, embora não haja documentos que comprovem o fato.

Coragem, auto-estima reforçada, sentimento de poder, ligação com uma força espiritual, sensibilidade e empatia são algumas das emoções relatadas pelos consumidores da droga. Essas características fizeram com que ela fosse utilizada na década de 1970 por terapeutas para facilitar a liberação de conteúdos internos num ambiente controlado.

Os anos entre 1977 e 1984 ficaram conhecidos como a época áurea do *Ecstasy*. Alguns terapeutas escreveram artigos reconhecendo a droga como poderosa ferramenta e até denominando-a penicilina para a alma (Saunders, 1999). Foi muito utilizada por profissionais menos ortodoxos. Para estes terapeutas, uma sessão com *Ecstasy* valia por 5 meses de terapia comum.

Até 1984 a droga ainda era legalmente consumida e podia ser comprada com cartão de crédito em bares no Texas. Substituía a cocaína entre os *yuppies* e era também usada por pessoas sem histórico de uso de drogas.

Em 1985 o *Ecstasy* apareceu na mídia através de um pequeno grupo de pessoas que processaram a DEA (Drug Enforcement Agency) nos Estados Unidos na tentativa de prevenir a criminalização da droga. A exposição funcionou como propaganda da droga num momento crítico no qual uma nova droga chamada *China White*, um substituto legal da heroína, havia causado severos danos cerebrais em seus usuários por conter impurezas. Como resposta, o congresso americano aprovou uma lei

permitindo a DEA colocar uma tarja em qualquer medicamento que pudesse colocar a população em risco.

Em julho de 1985 o MDMA recebeu uma tarja temporária que o enquadrava na categoria mais restritiva, reservada para drogas prejudiciais e aditivas sem uso médico. A tarja temporária durou um ano. Durante este período, pesquisadores publicaram trabalhos que evidenciavam que uma droga semelhante ao MDMA, chamada MDA, causava danos no cérebro e concluiu que o MDMA faria o mesmo no homem. Do outro lado, terapeutas tentavam evidenciar os benefícios da droga, mas não reuniram comprovações científicas.

Passado um ano de debates com ampla cobertura da mídia, um juiz determinou que se colocasse no MDMA uma outra tarja, menos restritiva, que permitia a manufatura, prescrição e pesquisa sobre a droga, mas a DEA se recusou a alterar sua posição.

Mesmo proibida, a droga continuou a ser consumida. Em 1987 passou a ser a droga da moda na ilha de Ibiza, na Espanha. Ali, seu uso passou a ser vinculado a grandes festas, chamadas *raves*, que começam durante a madrugada e se estendem até o dia seguinte. Todas as sensações provocadas pela droga, somadas ao som de músicas *techno e trance*, com batidas fortes e ritmadas e ainda o local onde se dão essas festas, geralmente afastados dos grandes centros e em meio à natureza, propiciam uma verdadeira orgia para os sentidos, tão pouco desenvolvidos no homem urbano.

Atualmente o *Ecstasy* é consumido por uma variedade maior de pessoas do que outras drogas ilícitas e é conhecida por reunir diferentes pessoas, que não se reuniriam em outras circunstâncias: *raves*, atores, gays, hippies que tomaram LSD nos anos 60 e jovens estudantes.

A partir destas ilações, ficamos nos perguntando se as idéias já esboçadas sobre o usuário de drogas são passíveis de serem utilizadas com o usuário de *Ecstasy*. Será que este usuário busca, mesmo que inconscientemente, uma maneira de relacionar-se com o seu meio, ou apenas utiliza-se desta droga como utilizaria qualquer outra disponível?

## **Método**

Na tentativa de responder a estas questões é que elaborou-se uma pesquisa de campo. O instrumento escolhido para a coleta dos dados foi um questionário com algumas questões abertas e outras dirigidas a indivíduos maiores de 18 anos que fazem ou fizeram uso do *Ecstasy*, sem delimitação de sexo ou classe social. Esta alternância de tipos de questões abertas e dirigidas tem por objetivo que o indivíduo fale livremente sobre a droga, possibilitando uma riqueza maior de informações e futura análise qualitativa. O questionário foi montado a partir das necessidades deste trabalho, tendo portanto questões específicas. Num primeiro momento, deu-se uma oportunidade para que o entrevistado fala-se livremente sobre a droga, sem o viés que eventualmente o questionário possa inferir. A seguir, com questões semi-dirigidas, procurou-se dados mais objetivos, para levantamento do perfil do usuário, mas que não impedissem o surgimento de dados qualitativos.

Procurou-se pesquisar como o consumidor de *Ecstasy* teve seu primeiro contato com a droga, o que ele espera ao consumir esta droga, como ela interfere em sua vida, com que frequência a utiliza.

Sem esquecer a proposta deste trabalho, procurou-se também buscar uma relação entre os efeitos desagradáveis da droga e a expectativa do usuário no momento

do consumo e ainda as alterações que a droga pode causar na personalidade do sujeito a longo prazo. Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização dos colaboradores para que as respostas fossem transcritas, possibilitando uma melhor análise.

Tínhamos, ao iniciar esta pesquisa, algumas questões a responder. Uma delas procurava esclarecer se os efeitos do *Ecstasy* estão relacionadas ao efeito químico da droga ou ao estado emocional do usuário no momento do uso. Procurávamos ainda saber qual é o perfil do usuário de *Ecstasy* e o papel desta droga em sua vida. A seguir, faremos uma análise do que conseguimos coletar ao final desta pesquisa. Em função do espaço disponível para este artigo não apresentaremos uma síntese dos dados obtidos, passando diretamente para a análise dos mesmos.

## **Resultados e Conclusão**

Uma dificuldade foi a resistência dos usuários para comparecer às entrevistas, agravada pelas normas de pesquisa com seres humanos, que exige o registro de dados pessoais do entrevistado e dificulta o acesso às pessoas quando se trata de um assunto tão delicado como o uso de drogas. Após um período de coleta de aproximadamente 4 meses optou-se por fazer uma análise parcial com os 6 casos disponíveis até o momento, certos que o número inicial estimado (30 entrevistas) dificilmente seria alcançado.

Três quartos dos entrevistados mencionou o estado emocional no momento do uso como fator fundamental para que a droga tenha o efeito esperado: “pra tomar *Ecstasy* você tem que estar bem consigo mesmo”, “você precisa saber o que está fazendo quando decide tomar um *Ecstasy* para não cair numa pior”, “se você tiver com

problema não bate, mas se você quiser esquecer deles tem uma viagem bem maluca”, “o corpo solta uma coisa de euforia em relação ao *Ecstasy*... de repente por essa expectativa bate mais até, a química”. Por outro lado, metade dos entrevistados mencionou a importância do aspecto químico da droga: “eu acho que se você toma muito, aí ele vem muito forte”, “se você tomar a quantidade certa você vai se divertir à beça” e outro, falando sobre alterações causadas pelo *Ecstasy*: “Depende da droga, tem quatro tipos de droga...”.

Assim, pode-se concluir que indiscutivelmente a química tem um importante papel nos efeitos tanto agradáveis, quanto desagradáveis do *Ecstasy*. Entretanto, o fator emocional parece mesmo interferir nas *viagens* dos usuários.

Quanto ao perfil dos usuários, pudemos perceber que são pessoas jovens (20 a 25 anos), principalmente estudantes universitários, informados sobre a droga e com uma postura crítica em relação ao seu consumo. Parecem se enquadrar no grupo descrito por Raskovski *em* Gurfinkel (1995) de pessoas que usam a droga apenas como uma pausa para o excesso de realidade mantido por um superego severo e repressivo. Fazem uso de múltiplas drogas e o consumo de *Ecstasy* geralmente é restrito a eventos especiais.

Um dos entrevistados (E6) declarou que a droga “quando bate” faz com que a pessoa se sinta um super-homem. Super-homem, como sabemos, é um super-herói forte, corajoso, imbatível. E5 falou claramente sobre a auto-estima reforçada, dizendo que “de repente você abre os olhos e... você é uma pessoa com dois metros de altura, acima de todos.” Pelo menos três pessoas (E1, E2 e E3) falaram sobre uma “energia”, algo subjetivo, mas que podemos entender como uma “força espiritual”; “... queria expandir minha energia de amor com todo mundo”, “num lugar em que todo mundo tomou *Ecstasy*, as pessoas estão na mesma energia”, “o que eu procuro é ne

reenergizar”, “...as pessoas do meu lado eram negativas... “... quando eu tava perto dos meus amigos, com a energia deles, eu tava feliz”.

Sensibilidade e empatia foram direta ou indiretamente descritas por 5 dos 6 entrevistados. “Todo mundo fica bem junto”, “..as pessoas trocam alguma coisa que não conseguem trocar no dia a dia”, “*Ecstasy* é pura sensação”, “sensação de estar bem com as pessoas” , “...que todo mundo fique bem junto”, “queria uma paz, todo mundo numa boa, todo mundo feliz”, “eu fiquei muito mais sensível”, “abre portas suas que você não abriria normalmente, aflora a sensibilidade”, foram algumas das declarações dos entrevistados.

Lendo integralmente as entrevistas percebemos que os usuários do *Ecstasy* procuram mundos nirvânicos idealizados, ilusórios e mágicos, a sensação da satisfação narcísica perdida. Parecem realmente procurar o estado de indiferenciação primitiva descrita por Bleger em Gurfinkel (1995), onde o prazer advém do próprio corpo: “ O *Ecstasy* é plena sensação...” “...tudo aflora... o frio é um frio a florado, o calor um calor a florado, seu tesão a florado”, “eu comecei a sentir um frio horroroso, um calor imenso, uma euforia e foi muito bom, foi muito gostoso”, “seu corpo começa a soltar uma endorfina, solta uma coisa de euforia em relação ao *Ecstasy*”. Esses fragmentos das entrevistas retratam o que definiu-se como atividade auto-erótica. O prazer vem das sensações corporais, numa regressão a um estágio bastante primitivo.

O sentimento oceânico também apareceu em expressões como “você se sente num êxtase, numa felicidade”, “sensação de estar completo”. Esta última declaração também nos faz lembrar do que escreveu Kalina et al. (1999): “este homem alienado das cidades busca outras formas de integração com a totalidade, fazendo uso das drogas”. Outra afirmação de um entrevistado parece também se referir a esse mesmo ponto “Minha expectativa é me unir de novo com cada pessoa”.

Um dos entrevistados quase fez uma transcrição das idéias de Kalina et al. (1999) a respeito das dificuldades do homem moderno ao dizer que procura nas pessoas “alguma sensibilidade que de repente elas não tem no dia a dia numa cidade meio movimentada demais onde as pessoas se preocupam muito com o trabalho...”

Como considerações finais podemos concordar com os autores que descrevem o ser humano dos tempos modernos, como aquele que está vivendo em grandes cidades, envolvido por pressões capitalistas e que não consegue mais organizar suas necessidades básicas, como afeto e comunicação de forma adequada e para conseguir um equilíbrio, ainda que temporário, apela para soluções artificiais e ilusórias.

É neste contexto que compreendemos o uso do *Ecstasy*. Durante o período em que foi realizada a pesquisa teórica, bem como durante a coleta de dados, pudemos observar que o consumo desta droga vem crescendo no Brasil. Segundo fontes não oficiais o consumo de *Ecstasy* nos finais de semana apenas na cidade de São Paulo é superior a 1000 comprimidos por dia.

Ao procurar voluntários para responder ao questionário, percebemos a popularidade da droga entre os jovens, já que cada pessoa contatada garantia conhecer vários amigos usuários.

Por fim, percebendo a quantidade de convergências entre o material coletado nas entrevistas e o referencial teórico utilizado, podemos concluir que o método utilizado se mostrou bastante útil para fornecer dados qualitativos a respeito dos entrevistados, já que possibilitou o contato pessoal com os usuários. A gravação e transcrição das entrevistas facilitou a análise das respostas de uma forma mais aprofundada, preservando o raciocínio completo de cada entrevistado. Por outro lado, o método também mostrou fortes limitações. Uma delas foi o fracasso do aspecto quantitativo da pesquisa. O fato de se deslocar de sua rotina para uma entrevista formal



com pessoa não usuária e desconhecida, tendo suas falas gravadas e exigindo-se dados pessoais como nome e R.G. parece ter sido a maior dificuldade. Algumas pessoas falaram claramente que não se sentiriam à vontade, já que tinham responsabilidades e cargos a serem preservados e pareceram não se convencer da questão do sigilo e da omissão de dados pessoais.

Talvez essa resistência tenha alterado os resultados da pesquisa, já que as pessoas que concordaram em responder não têm atualmente uma posição social a preservar. Assim, o perfil dos usuários acabou se restringindo a pessoas mais jovens, que ainda não trabalham, o que não é necessariamente o perfil de toda a população usuária.

Esta observação talvez reflita o fato de que, como observamos nos resultados desta pesquisa, o *Ecstasy* seja de modo geral uma droga consumida ocasionalmente, permitindo que o usuário tenha uma vida social e profissional pouco afetada. Entretanto, percebemos que os jovens fazem uso de múltiplas drogas, o que aumenta os riscos e a necessidade de aprofundar os estudos sobre o assunto.

Apesar dos contratemplos, principalmente no que refere-se ao tamanho de nossa amostra, acreditamos que o trabalho teve sucesso no sentido de iniciar uma discussão sobre o *Ecstasy* e esboçar algumas características da droga, seus efeitos e seus usuários.

Portanto, pode-se concluir que nosso estudo vai de encontro aos estudos anteriores sobre uso abusivo de drogas. A maioria dos autores concorda que o abuso de drogas advém de uma combinação da história do indivíduo e a crise do mundo atual. Sem recursos internos adequados para reencontrar-se consigo mesmo e com o outro, este homem alienado das cidades busca outras formas de integração com a totalidade, fazendo uso de drogas que são, seu triunfo maníaco, encontrando por vias artificiais o

que pode ser descrito como um sentimento oceânico, uma sensação de eternidade, um sentimento ilimitado. As drogas seriam amortecedores de preocupações que possibilitariam um afastamento das pressões da realidade e um refúgio num mundo próprio. Até que ponto isto pode ser mantido?

### **Referências Bibliográficas.**

FREUD, S. [1911] (1974) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. (volume XII). Trad. de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro. Imago.

FREUD, S. [1930] (1974) O Mal Estar na Civilização. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. (volume XXI). Trad. de José Octavio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro. Imago.

GURFINKEL, D. (1995). A pulsão e seu objeto-droga - estudo psicanalítico sobre a toxicomania. Rio de Janeiro. Vozes.

KALINA, E. et al. (1999). Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade. Porto Alegre. Artes Médicas Sul.

OLIEVENSTEIN, C. et al. (1989) A clínica do toxicômano. Porto Alegre. Editora Artes Médicas.

SAUNDERS, N. (1999) E for Ecstasy. London. Spiritual.

*Contatos:* Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Faculdade de Psicologia  
Departamento de Psicologia Clínica  
Rua Itambé, 145 – Prédio 14 – 1º andar  
Higienópolis – São Paulo – SP  
CEP: 01239-902  
E-mail: sergiosardinha@mackenzie.com.br